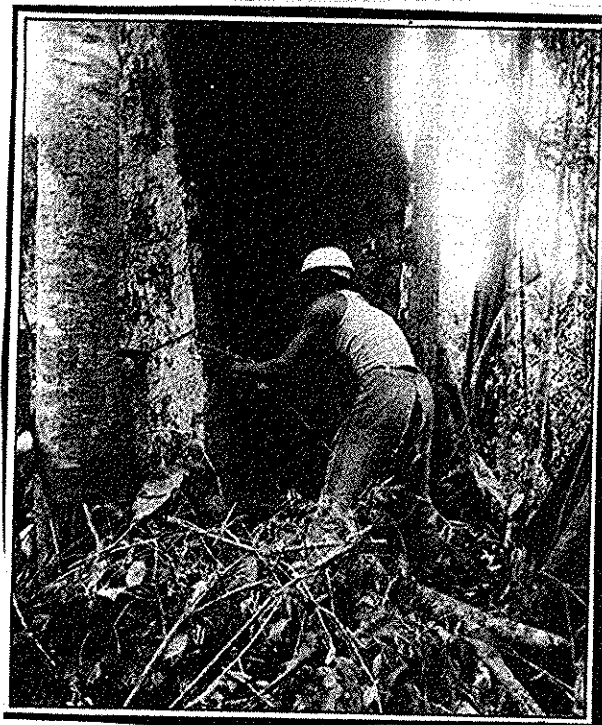


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESPClass.: Madeira / Comp. MognoData: 13/03/93Pg.: 8 - Caderno 2

138

IVAN LESSA

*Pânico moral derruba mogno*

Na sexta-feira, dia 5 de março, eu fui à Harrod's para acertar a compra de um móvel que eu venho namorando desde o ano passado: uma graça de uma cama de mogno que, depois de muito barganhar com o vendedor, acabara ficando acertada em apenas US\$ 25 mil. De início, ele me pedira US\$ 30 mil, mas, depois de eu explicar que era jornalista, e naturalizado inglês, o rapaz, tendo se consultado com o gerente, abriu, figurativamente, claro, as pernas. Eles entregariam na quarta-feira, dia 10. Na saída, passei pelo food hall, comprei 500 gramas de alcatra, meia dúzia de latas da cerveja Budvar checa e um fatiador de queijo gruyère. Qual não foi a minha surpresa quando, na porta principal da renomada loja de departamentos, dei com um bando de desabrigados (eles aqui chamam de homeless) agressivos gritando obscenidades e fazendo gestos ameaçadores. Portavam, além do mais, cartazes com dizeres ilegíveis, maldições por certo, o equivalente gutembergiano às imprecações murmuradas pelos loucos que, cada vez mais freqüentemente, graças à epidemia de "pânico moral", podem ser vistos nas entradas dos metrô públicos ou saídas das estações de metrô em bairros perigosos, onde só se aventuram os terroristas irlandeses e a polícia. De cautelosa

distância, farejando a notícia, talvez até o furo, bom jornalista que sou, aguardei o desenrolar dos acontecimentos. Pouco a pouco, como o impedimento de um presidente sul-americano, os fatos foram sendo esclarecidos. Tratava-se de uma ala dos Friends of the Earth (Amigos da Terra) protestando contra a venda no elegante magazine de móveis feitos com mogno brasileiro. Ora, nada mais baiano que os FOEs, conforme os chamo. Quer dizer: gostam de uma conversa lenta e fiada, não podem ver uma promoçãozinha, adoram o politicamente correto, na hora certa, claro. Carregavam em suas costas coletivas um cidadão brasileiro. Com meu cademinho de notas na mão, aproximei-me e, na minha melhor imitação de Dorival Caymmi, perguntei quem era o ex-compatriota e o que queriam — se fosse uns cobres pra cachaça, eu resolvia na hora. Não. Os FOEs tinham convidado a Londres o indivíduo que tem por nome — juro! — Atanagildo de Deus Mattos, vulgo Gatão, Fat ou Big Cat, traduziram, sem saber o que diziam, para protestar contra a venda de móveis de mogno. Fat Cat, informaram-me, é o novo Chico Mendes brasileiro, o presidente do Conselho Nacional de Seringueiros. Afastei-me um pouco temeroso de aparar na testa uma azeitona perdida. Gatão me deu seu

cartão. Lá estava, como eu previra: Concelho, com C. Sua visita fora planejada para coincidir com a presença em Londres do ministro do Meio Ambiente brasileiro, cidadão com sobrenome de prenome: Coutinho Jorge. Perguntei o que o ministro estava fazendo em Londres. Informaram-me que a visita fora planejada para coincidir com a presença de Gatão em Londres. O ministro Jorge é a favor da "mobilização" do mogno? Não. Muito pelo contrário. Quer fazer tudo para proteger o bruto. Então? Os Amigos da Terra ameaçaram-me com um pedaço de pau (mogno?). O meu jornalismo investigativo estava se excedendo, eu estava a dois segundos de semanário brasileiro. Puxei o Gatão para um lado. Mandei-lhe meu melhor papo no ouvido rude de quem é, antes de tudo, como o sertanejo, um forte. Tudo bem. Mediante a módica quantia de 20 libras, uns 30 dólares, ou 750 milhões de cruzeiros-fortes, Gatão pegava na Harrod's a cama e me entregava no dia seguinte. Graças a meus dotes correspondo-estrangeiros economizei 100 libras, que é quanto a jóia do tradicional estabelecimento de Brompton Road me cobraria. Estou há uma semana dormindo em leito de mogno e, até agora, ainda não entrei em pânico moral.